

Redacção, Administração e Propriedade  
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Tel. 5 Cete  
Composto e Impresso na  
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Director e Editor  
PADRE AMÉRICO

Vales do Correio para CETA

AVENÇA

# Gaiato

Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 179  
PREÇO \$500

## BARREDO

...Quem tiver olhos que veja, e quem tiver ouvidos que ouça, está nas escrituras sagradas, mas o mundo com M grande continua surdo e cego à única doutrina que o poderia salvar e a esperar remédio donde ele nunca poderá vir: dos homens.

Vai entretanto V. prosseguindo na sua obra, cheia de espinhos, sem desfalecimento nem paragem. E com ela vai deixando à sua volta uma boa semente, que se não há-de nunca perder—e há-de dar os frutos mais belos que olhos humanos podem contemplar, que são a produzida pela caridade—tal como V. difunde pelos mais humildes, pelos mais desgraçados e mais desprotegidos da sorte.

Tenho lido—e comigo os de minha família—o seu «Barredo» que é pintura fiel mas resumida do nosso Barredo. Deixe-me chamar-lhe bem pelo seu nome; o nosso Barredo que ele é bem nosso, inteirinho, com toda a sua horrível fisionomia. Pertence-nos, pertence a todos nós, que o consentimos, que o toleramos, que o permitimos fechando os olhos para o não vermos na sua verdadeira hediondez, fingindo ignorá-lo, uns por comodidade, outros por cautela...

Pobres sempre os houve—disse Jesus Cristo. Mas isto não é pobreza, é muito mais que isso, é a desgraça mais pungente e mais horrível, ao nosso lado, enquanto os nossos filhos vivem bem agasalhados do frio e da chuva, sob os tetos das nossas casas.

Que venham ver todos

esses Filósofos e esses Pensadores, a Igualdade e a Fraternidade Humana no que deram as suas doutrinas, ou por outra, que remédio trouxeram à Miséria, através de tanto progresso, de tanta luz, tanta ciência, tanta igualdade!

Ah o pobre, o maldado orgulho humano que não quer ver que a Verdade, nunca enxugou uma lágrima, enquanto toda a dor cabe à vontade e pode desafogar-se num simples Pai-Nosso.

Faço minhas todas e cada uma d'estas palavras e para não estragar, não comento. É um Tripeiro.



O Rogério. O Rogério? Pereira, se quiserem o seu nome todo. A malta chama-lhe Xanxaxé. Nasceu na enfermaria de um hospital—o ilegítimo, mas está com cara de quem agradece. É a nossa capela, é o nosso pão; é a bicicleta é o convívio. E' este verbo amarrado conjugado em todos os tempos, que leva o rapaz a amar, agradecer e... perdoar. Não há força maior no mundo do que esta palavra, quando puxada da alma.

O Rogério, é a alegria da nossa aldeia. É bravo. Discute. Barafusta. Vem-me fazer queixas e eu morro pelas ouvir! É avançado da ponta esquerda. Ainda ontem notei um golo num desafio de circunstância. A assistência de lira!

## O NOSSO LIVRO

ONDA em franca distribuição. Não vai à cobrança para ninguém. Temos de nos defender dos C. T. T... Comem, assim, três tostões por volume, em lugar de 15 contos, se adoptassemos a aquele sistema. Além do que afirmamos a confiança mutua. Igualmente nos estamos defendendo dos senhores livreiros. Eles pedem, de toda a parte. Querem nos ajudar. Mas o Piolho já me veio aqui avisar que para eles nem cheta. Atrás vinha o Avelino também a protestar: então nós que escrevemos e que fazemos não somos capazes de vender?! Que posso eu fazer com estes non-conformistas? Júlio, mais lido, aparece e declara que muitos escritores têm morrido à fome, por causa dos empregários do livro.

A distribuição é feita às dezenas de volumes, no escritório do Júlio, com Piolho a presidir e muitos a trabalhar. Todos os dias sai para a estação uma carrada; todos querem puxar, já se vê. O primeiro pedido tinha-nos vindo de um senhor do Porto, 50 deles, o qual foi o primeiro a ser atendido e o primeiro a pagar; um vale de mil escudos, logo no dia seguinte! Ninguém sacou; sacou-os ele da sua algibeira. Assim é que é.

A edição dos cinco mil está quase toda encomendada! Um assombro!! Os pedidos fervem. Nem os classicos primitivos, nem os da idade-media, nem os

modernos, nem os actuais; ninguém. Nada.

Por notar que os pedidos são em massa, dirigi-me ao escritório da expedição. Ali são tudo fichas. Eu gemi e economia. Que não era preciso. Que dessem baixa no registo. E mais e mais e mais. Julio acode que não. Nós temos de economizar mas é tempo. Nós trabalhamos à americana. Fichas. Desci as escadas corrido, jurando a mim mesmo não mais voltar. Mas tornei. Como muitos senhores têm pago adiantadamente mil, outros quinhentos, muitos cem e um rôr cinquenta, eu fui lembrar que estes tais deviam ficar com direito a futuras publicações. Ardeu troia! Cairam todos em cima de mim—nós temos de pagar as dívidas. Insisti. Disse, até, que me estava cheirando mas era a Falperra. Eles não compreendiam o sentido figurado. Avelino disse-me que já lá tinha passado, sim, mas não compreendia. Espliquei. Outra vez que não; que não senhor. Quem dá um conto pelo primeiro, também dá outro pelo segundo, disseram todos à uma! Desisti. Estou fora do tempo. Não volto mais aos escritórios nem me torno a meter em negócios de livro.

Acabou.

P. S. Avelino acaba agora mesmo de sair do meu escritório. Como se recebem todos os dias vales e cheques de todo o mundo, uns mudos outros a falar, deseja o Avelino, metódico como é, que os senhores do livro, ao mandarem o seu custo, mandem, também, um sinal indicativo; sem o que teremos necessariamente grande trapalhada. Aqui está o recado.

## PEDITÓRIOS

COMO já aqui se disse em preterito número, é no dia 7; começo no Coliseu, de tarde e à noite. É um recado breve. Rapazes do Lar do Porto dão volta pelos lugares ocupados...

No domingo seguinte, à mesma hora e com identico programa, estaremos no S. João. Assim por diante, até ao último domingo de Fevereiro.

Padre Adriano, como ainda não tem lata para ir ós coliseus pede nas igrejas de Lisboa. Nós precisamos. Nós temos necessidade. É a fraquesa dos Pobres que a tanto nos obriga, pelo cortes que têm feito às dotações tão substanciais, que seriam de morte se não fora a transcendência da obra!

Mal tive notícia deles, fui por aí abaixo até Lisboa, falar com P.º Adriano e resolvemos: primeiro, não despedir nenhuns dos rapazes que ora mantemos; Segundo, abrir a porta a todos; Terceiro, melhorar a panela; Quarto, sangrar mais.

Sangra ele nos pulpitos de Lisboa. Sangro eu nos palcos do Porto.

Não cortamos os corações

**M**AIS 100\$. de Freixo de Numão. Mais 2 patos da Régua. Mais aqui entregue de mando de um senhor do Rio—mil. Mais 50\$, para o Barredo. Mais de uma senhora o Barredo corta-me o coração e fante com aquela dor, vinha um vale de mil.

Dor eficaz. Dor cristã. De uma vez, numa igreja, pregava o Barredo e notei que os ocupantes das primeiras bancadas voltavam a cara... Não convinha. Mais Ninguém a dizer: enquanto houver Barredos—e ele há tantos!—penso que tudo quanto se faz é vão. Este ninguém é uma Mulher, porquanto manda com aquela verdade, um precioso cordão d'oiro. Bem pudera ser eleita deputada da Nação! Mais um cheque de 3 contos de alguém de Évora que tinha o pé no estribo para embarcar. Boa viagem. Do *Espelho da Moda*, coisas sem conta, nem peso, nem medida! Continuamos a revistar as algibeiras dos fatos, de onde temos tirado até libras em oirol! Para a do feixe de lenha, flanela. Sim senhor; mandou-se fazer saia e blusa. Mais de Castanheira uma tarifa de 24 camisas de flanela; nenhuma igual. Gosto assim. Mais de Abrantes, tecidos. Mais de Porto Antigo roupas usadas e uma de cavalinho. Mais a Mary com 100\$00. Mais outro tanto de Delães. Mais uma alentejana com 6 notas de um cento cada uma. Uma alentejana! Será por habitar no Porto e ter já tomado gosto?! Se tal é, que se mudem para o Porto todos os alentejanos. Mais 100\$ da Batalha. Mais para o Barredo, por alma de alguém. Mais 200\$ de Gouveia, de uma promessa. Sei que fizeram falta a quem os deu; um Funcionário. Mais da Covilhã, de A. M. Estrela. Mais para os pobres do Barredo. Mais 50\$ de Lisboa. Mais de Vagos 20\$ para os pobres do Barredo. Mais 50\$ do Porto. Mais 500\$ de Besteiros para o Barredo; eu julgava que tinha passado fome e frio, mas em vistas do que leio, nunca soube o que isso era. Eis aqui outro cristão. Nos tempos em que vamos há mui poucos d'elles. Eu estou agora a sentir e a recordar o semblante d'aquela mãe do Barredo, que vendeu a cama dos filhos, como se disse aqui no numero passado; estou a vê-la. Estou a sentir: o que nós aqui passamos, meu padre; vendi o berço dos meus filhinhos! Ofereço aqui estas palavras àquele Besteirense. Façamos uma comunhão espiritual, em silencio, enquanto o Mundo desaba! E um corte de 11 metros para sobretudo, do Porto. O ano passado, mandaram-nos da Covilhã uma peça de pano azul para o mesmo, com a qual fizemos mais de uma dúzia de peças. Isto deu-se o ano passado. E a Maria Ninguém. Mais 250\$ de um Ilheu que vive no Porto; por muitos anos. Mais 100\$ de Beja. Mais uma data de portugueses residentes em Venezuela que se juntaram e falaram na nossa obra, da qual conversa resultou um cheque de mil escudos, que eles enviaram ao S. N. I. e este, por sua vez, mandou à gente! Ora vejamos os senhores aonde isto já vai! Como posso eu ter mão?!

Mais eu que tornei a Lisboa e a Francoise, no avião, fez o mesmo que outras colegas têm feito: aqui tem prós seus rapazes. No regresso, ao embarcar, fomos avisados que a nave não subia. Ao pé estava um senhor, que naquele momento me dera uma bolada e agora oferece-me coisa melhor: ve-

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

nha d'at; temos o rápido. O bilhete e o jantar foram da sua conta! Eu não esperava nem desejava tanto, mas ele disse que não: eu tenho de dar. Eu preciso dar muito porque ganho muito. Estavam outros ao pé; era na primeira classe. O senhor desanca os ricos que podem e devem e não fazem. Eu sem me manietar. Cuidam que o céu se compra, continua o pregador. O céu ganha-se. Eu estava admirado; um homem de negócios a pregar o Evangelho! O céu ganha-se. E é verdade; eu confirmo. Ele há grandes detentores que se julgam desobrigados dos seus deveres sociais, comprando um sino ou mandando fazer um altar; qualquer coisa que dê nas vistas e tenha nome na tabuleta. Engano! São mentiras espectaculosas que o mundo aceita, mas não valem nada. A Deus o que é de Deus.

O creado anuncia a primeira serie; eu estava disposto. Por muitas voltas em Lisboa e pouco tempo para as dar, estava com chá e bolachas que a Francoise me dera, no avião da manhã. Comi. Bebi. Sentei-me numa cadeira a digerir. Nisto vem um senhor, senta-se ao pé e larga esta: eis aqui o primeiro escritor dos nossos tempos. Olhei. Ele repetel! Há em mim lampejos de vaidade interior: o melhor! E disse que não. O senhor continua na sua afirmativa; é um Catedrático! Eu sou leitor do Gaiato.

Eu tinha comido com apetite. Estava soberbamente bem disposto. Sentia-me elevado. Para neutralizar, disse que não. Que não senhor. Que dava muitos erros. Que não punha as vírgulas e que um senhor já dissera que o Gaiato é escrito em língua de preto.

O Catedrático diz que os escritores é que fazem a sintaxe e não esta aqueles e mais e mais e mais. Eu voltei à minha. Olhe que o senhor da língua de preto é do Estoril. Mora num chalé. O chalé tem mesmo por fóra o nome d'ele e no papel de carta que ele usa, também trás pintado o chalé e por baixo o seu nome. Veja lá o senhor, disse eu. O Estoril! A terra da luz, porque Costa do Sol. Veja bem.

O comboio dá um silvo. Estavamos no Porto. Só agora é que soube o nome todo do Cambista Oficial da Casa do Gaiato, como foi posto no cartão aonde vinha uma nota de mil; só agora é que eu soube; Candido Dias L.d<sup>a</sup>. Grande isenção da parte d'esta firma! Quaisquer notas; qualquer soma,—ela por ela e mais nada! Ninguém assim faz. Os Bancos são fortalezas. Em Angola e Moçambique, por onde tem andado o nosso documentário, os portugueses, ao vê-lo, dão as víceras. Pois bem. Chegamos aos Bancos com o dinheirinho junto e dão com outra voz; não senhor. É o Metal. O Metal mai-los seus compromissos. Eu fui ó Brasil o ano passado. Um santo de carne e osso me chamou a Imprensa. Numa sessão solene de boas-vindas, um senhor comendador disse que eu era Vicente de Paulo. Em uma outra sessão festiva com autoridades e tudo, ficou o meu illustre retrato. Vem a maré de regresso

Fomos ao Banco e eu não digo de como me trataram, por decoro do genero humano...

Mais nas ruas do Porto 2 contos. Mais idem 100\$ pelo bom exame do meu neto. Grande devoção pela obra, para assim se juntar um tamanho amor!—O meu neto. Mais 100\$ de Lisboa. Outro tanto de Coimbra. Mais 20\$ para o Barredo. Mais 2 contos deixados no Banco. Mais de Castelo Branco uma dose de remédios, de um Médico. Mais uma c/de vinho fino de Gaia. Mais 100\$. —Há seis anos, chefe de familia, só hoje deixei de dever e assim tenho a dupla alegria de poder enviar um pouco, do pouco a que agora posso chamar meu. Palavras altas! Mais 60\$. Mais 2.200\$. de Sá da Bandeira. Mais 100\$. Mais 5 contos do Grémio do Vinho do Porto. Mais de Mertola, 100\$ do meu primeiro ordenado. Mais 500\$ do Porto. Mais 100\$ da Covilhã. Mais 50\$ do Porto. Mais 500\$ do Douro II. Mais 50\$ do pai de uma visitadora de Pobres no Bairro da Curreleira. Mais uma Mãe de Gondomar. Mais 50\$ para o José de Casal delo. Mais 500\$ para as nossas Conferencias e Barredo.

Mais 60\$ de S. Pedro da Cova. Mais 200\$ do Porto. Mais cabedais da Portuense. Mais 100\$. Mais 400\$. Mais 500\$. Mais idem. Mais um um c/de vinho fino. Mais 200\$ de dezoito empregados da Companhia dos Telefones. Mais uma peça de pano cinzento, de Anadia. Mais 50\$ de uma tripeira. Mais 60\$ do Lobito, para o Barredo. Mais 50\$ idem, idem. Não é só a geografia que diz ser Lobito de Portugal, não é! Mais de Chaves 50\$ para o Barredo. Mais de Leiria coisas e dinheiro do assinante 13112. Mais de Quelimane 100\$. Quelimane! Mais os pilotos da Barra do Douro com 200\$. Mais encomendas postais de todos os pontos do Império, que só pelas estrelas se poderiam contar! Por isso mesmo, não se inquietem nem duvidem. Tudo quanto mandaram, tudo aqui foi recebido. As nossas contas dão sempre certo. Mais 300\$ para o Barredo, dos Empregados da Moagem e Panificação do Norte. Mais de Coimbra 30\$. Mais 20\$ de uma filha ilegítima servente de limpeza de escritórios. Pois que ela saiba resistir com dignidade cristã a prováveis sedutores; Cristo é o Salvador. A Empresa Fabril do Norte lembrou-se de nós com uma data de linhas. E a Direcção do Sindicato dos Operários de Panificação, também, com 200\$. Assim como falei de encomendas postais, digo o mesmo dos serviços da C. P. Um mundo! Um mundo de coisas!! E' a nossa Pobreza; são os inocentes que não se lembram ter comido comida de lume; é o grande tesouro da Humanidade a sentir-se bafejado, e tu a saberes que assim é. Não é mais nada. Mais o Lobito com 50\$; é dum estudante do Liceu, que pergunta pelo Moléstia. Regressou Saiba o Joanico que Moléstia regressou. Porém, temo-lo em observação com remédio e alimentação cuidada e repouso... Quinze dias a dormir ao relento, sem comida certa, eis. Nós temos de amar os que desertam, os que jamais re-

gressam, os que de novo nos procuram, todos! Joanico e mais rapazes dos liceus de África; fazei de esta, a vossa Pátria! Mais da Figueira 50\$ para o Barredo. Mais 100\$ do Porto. Mais 200\$ idem. Mais 500\$ idem. Mais 300\$ da Beira. Como gosto de sentir a extensão das Casas do Gaiato! Quem diz que a distancia afasta, quem? Ela apróxima mas é! Outra vez a Beira com uma grande lista de nomes e seu cheque de 1.451\$10. Não se conseguiu no Banco que eles desistissem da transferência. Pois não. Eles precisam.

Mais quatro contos de uma Empresa. Mais um assinante a quem aumentaram o seu ordenado e ele manda 2 contos! Não diz como se chama. Não diz de onde é;—tudo silencio! Se vive de um ordenado, seja ele quem fôr, precisa; aquela soma faz-lhe falta. Maravilhoso este dar! Na vespera do Natal, com medo de não ter, fui à Rua de S. João e comprei uma ceira de figos por 60\$00 e mais acima um bolo rei por 78\$00; era medo de não ter. Pois no dia seguinte foi aqui uma inundação dos dois artigos, principalmente do último, o mais caro! Só uma visita da ultima hora, forneceu todas as mesas!! Tudo rilhou bolo. Uma confeitaria do Porto, foi quasi na mesma, de tal sorte, que aproveitei a fartura e levei 5 bolos aos doentes do Sanatório de Gaia. As tarifas mai-las encomendas postais ainda não cessaram. Não digo avalanche, mas corrente sim; chegam avisos todos os dias. Além do mais, nós somos um valor na economia do País; somos sim senhor. O que nós não movimentamos! A Maria da Beira, manda 20 quilos de açúcar em 2 pacotes. Mais 100\$00; mais 50\$00 de um amigo; mais duas grandes maquinas de chocolates; mais 30 cobertores de algodão. Tudo isto deixado no Lar do Porto. Já o conhecem melhor. O que nós precisavamos era de mais alguns cobertorzinhos. Quando oíço dizer que alguém morre de frio dentro de sua casa e na sua cama, tenho pena. Tenho pena de ver o mundo ocupado com as suas grandes insignificancias e deixar estas coisas para trás—tenho pena! Mais 50\$00 do Porto. Mais 100\$00 idem. Mais os alunos da escola de Gandra. Mais 50\$00 do Porto. Mais dos empregados da Companhia União Fabril, 140\$00. Mais um grupo de funcionários da Caixa S. Textil com 340\$00. Mais 300\$00 para as festas do Natal, que uma senhora entregou a um vendedor. Mais 500\$00. Mais uma mãe para o Barredo e para a conferencia,—30\$00. De uma viúva e filhos 70\$ produto do nosso trabalho; abençoadas mãos! Mais 20\$00 de Lourenço Marques; migalhas ultramarinas! Mais 150\$00 dos Pilotos da Barra de Lisboa. Mais a sogra de um assinante. Mais 50\$. meus e de minha mãe. Mais encomendas postais com roupas caseiras, novas e usadas, desde a Ponta de Sagres até ao alto Minhol Cada pacote, trás dentro sua declaração de amor: pode usar sem receio. Outras dizem: era do meu filho. Mas quem ensinou a dar assim, quem?! Mais 200\$ do Porto, de alguém que quis ir na companhia dos nossos vicentinos ver os pobres deles. Foi. Deu e mandou também para Paço de Sousa. Mais 250\$ de um Grémio de Lisboa. Mais 3 fardos de bacalhau de um dito.

Livros sim. Aceitamos, desde que haja cuidado na escolha. Ilustrações, não.

# Pelas Casas do Gaiato

## TOJAL

☉ Sr. Padre Adriano e outros amigos de Lisboa têm andado a ver se encontram casa para Lar dos Rapazes que se empregarem na cidade, mas ainda não foi possível encontrar. É destinada aos rapazes que têm o exame de 4.<sup>a</sup> classe, para se irem deitando à vida e nos fazermos alguém perante a sociedade e para melhor podermos auxiliar as nossas famílias.

Estamos muito gratos àqueles amigos da nossa Obra que se têm interessado por procurar a casa, que tanta falta nos está a fazer.

Aqui há tempos uma senhora nossa amiga ofereceu-nos uma bola de futebol que recebeu de sorteio do concurso dos namorados. O Pedro foi buscá-la ao Século. Nós ficamos muito satisfeitos com esta oferta porque de bolas estávamos mesmo em baixo. Foi guardada no escritório para servir só nos principais desafios, mas não foi possível resistir até ao dia determinado. Também recebemos no Montepio um sobretudo que veio do Rio de Janeiro. Ficamos muito agradecidos pelo que nos mandam e pelas pessoas que com grande amor à Obra e aos rapazes auxiliam esta casa.

MÁRIO MENDONÇA

## LAR DE S. JOÃO DA MADEIRA

**A** PESAR das dificuldades que temos tido, muitos sanjoanenses nos têm visitado e contribuindo com algum dinheiro. Nestes últimos dias que nos visitaram, o Sr. Manuel Luís da Costa, Sócio da Fábrica de chapéus Pinho, Costa & C.<sup>a</sup> Ld.<sup>a</sup> deixou-nos 50\$00. Outros senhores deram respectivamente 2\$50, 2\$50 e 3\$50. Mais 30\$00 por alma do Senhor Artur da Costa Cruz. Outras pessoas que nos vão dando algum dinheiro, pouco ou muito, tudo é esmola. Mais fruta, oh que delícia! No passado sábado dia 18 recebemos de uma senhora de Macieira de Sarnes treze pacotes com bolos. Estes destinaram-se um para cada um de nós. Trazia um lenço dentro desigual para não haver complicações, e um papelinho escrito também com impressões diferentes. Que paciência não teria essa senhora para estar a coser e a arranjar os pacotes? Mas enfim, são pessoas que têm piedade de nós. A todos, mais uma vez, muito obrigado.

Para que fizemos nós o curral para os porcos? Para ser habitado por alguém, é claro. Mas como não temos quem o habite, quem nos há-de mandar um suíno? É mais um difícil pedido, mas como sabem estamos no princípio dum lar, e tudo isto nos é necessário.

Precisavamos também da tão falada máquina de costura. Deus queira que alguém se lembre da gente. O patrão do Fernando já nos deu um fogão de petróleo CORMACHO que muito agradecemos. Precisavamos também de umas bolas de Ping Pong porque as outras estão-se a acabar. O Bilhar do Porto é que nos podia mandar algumas...

JOSE M. SARAIVA



Um aspecto da Casa do Gaiato de Lisboa, sita no Tojal, aonde Padre Adriano queima as pestanas.

## CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

### AS CONSOADAS

**F**OI numa sexta feira. O dia mostrava-se melancólico e ameaçador de chuva. Tudo estava combinado e tratado, de forma que cada um de nós chegasse a determinado local e dispusesse do quinhão que calhava a cada protegido da nossa conferência. O tempo não importava; importava sim, entregar a consoada. E assim foi. Um a um, por vezes mais que um, debandaram cada, para sua banda. Uns para os pontos mais distantes da freguesia, outros para os mais perto do centro.

Seria desnecessário descrever-vos o que foi essa tarde. Mas não pode ser. Já escurecia e chuva, quando por minha parte entrava em casa do meu pobre. Não havia luz conveniente. Iluminava a toska choupana, uma torcida embebida em azeite. A casa já de si escura, tornava o ambiente carregado. Ele fazia o caldo praticamente às escuras... Mas que caldo!... Sem luz... Eu pelo menos mal via. Principiava a contar o que me trazia àquela hora e naquele dia e começo a tirar de dentro da saca, bacalhau. Espanto! Admiração! *Estou doido*, dizia-me. Continuava, a sacar agora o azeite e por fim as batatas. *E a garrafa*, pergunta; isso é para ficar, respondi. Estava doido, aquele pobrezinho do Senhor. A sua alegria modificava-lhe o semblante e fora, à despedida, é que eu notei. Voltando os seus avançados anos, põe as mãos enrugadas na cabeça e diz como ele sente e sabe, o que foi a sua vida. Agradecia a Deus os benefícios. É taxativo, mas consolador. Os visitantes dos pobres têm de os consolar nas tristes lembranças do infortunio da vida. Esta espécie de pobreza é horrível, interiormente. Tenho provas, porque bem sei o que é viver bem, vem a desgraça e tudo acaba, como o desfolhar duma rosa. E' por isso que não me canso, que não me aborreço, que sempre me interessa ouvir da boca do meu pobre, a descrição da sua vida, da vida porque passou.

## A NOSSA TIPOGRAFIA

**H**Á dias, no Porto, um dos nossos rapazes, ouviu dizer que a nossa é uma Obra boa a fazer mal aos outros. Mal chegou a casa, contou. Não conheceu o senhor, tão pouco ele conheceu o rapaz; mas nós sabemos. Era com certeza o dono de uma tipografia.

Se uma obra é por natureza boa, não pode evidentemente fazer mal; assim como a árvore boa não pode dar maus frutos.

Nós nem sequer fazemos concorrência, que, aliás, não é em si um mal. Ai dos consumidores se não fosse a concorrência! Mas nós não a fazemos. Aceitamos somente trabalhos que alimentem os nossos pequenos obreiros e despedimos o mais. E assombroso o trabalho que nos enviam, a devoção com que o fazem, a pena com que recebem a sua devolução; é assombroso!

Nem orçamento, nem reparo no acabamento, nem nada! É a devoção. Coimbra, onde cada toca é uma tipografia, manda. Lisboa, não se fala. Porto vai à frente. As províncias é cada qual mais.

Compreende-se. A audácia ajuda a fazer fortunas; isto de entregar a dois rapazes a gerência de uma tipografia e deixá-los manobrar livremente, é uma coisa única no mundo. Mais. Eles, dois salvados, salvam outros pelo seu trabalho. Se nós fossemos mercantes, tínhamos já máquinas actuais e mão d'obra suficiente, para não recusar serviços; mas não. Isso não é do programa. Não

queremos negociar. O Júlio é totalmente contra isso. Ele quer formar rapazes. É da beleza desta doutrina que nasce justamente a paixão de todos pela tipografia, excepção à miopia de certos. É a natural alegria de um que se salva no meio de noventa e nove que nunca correram o risco de se perder. Cada um dos nossos, é um desses salvados. Eles eram todos do Barredo...!

E Vagos com 20\$00. E o assinante 12485, vai com 100\$00. E logo a seguir, formam 33 subscritores de Lisboa, por uma promessa. Amortalhados! São os primeiros que vão de promessa! Mas há melhor; por amor de uma pessoa que muito adorei e que desejando ser uma das cinco mil, morreu em plena mocidade. Mortos a falar! Oh precissão! Vai também uma simples rapariga de Coimbra, pela terceira vez. E Lisboa, em nome de minha mãe 200\$00. E o Porto. E a Beira vai com 200\$00—Beira africana. Ali é Portugal. Outra vez o Porto com 20\$00. Mais o Porto com mil e também um estudante com 150\$00. E o Zé ninquém da Figueira. E um Tripeiro com dois contos e quer ser ele a dar os derradeiros mil escudos; quando faltarem apenas mil rogo o favor de me prevenir. Mais um Tripeiro. E o Lobito. E Pinhanços.

Ficamos hoje em 129 contos.

## OS NOSSOS VENDEDORES

**S**ÃO os melhores do mundo! Ninguém puxa para a Obra como eles. E como não, se ela é que lhes dá pão e educação? O Presidente é o AZ. Ora leiam: esteve cá de visita um grupo de funcionários dos Telefones. Era um ror d'eles. Estiveram horas e deixaram ofertas. Presidente, fez as honras. Pois na venda seguinte, o rapaz chama-me em confidência e revela que o senhor que lá manda é um inglês. Que conseguiu falar com ele. Que lhe disse da visita dos senhores e das senhoras e lhe pedira para também nos visitar. Aqui, o rapaz toma um ar irónico para dizer — dei-lhe um bocadito de graxa. Dar graxa a um inglês! Só um Presidente!

Em Braga, o Risonho costuma ir ter com os sacerdotes à sacristia, antes de ir para o altar, e pede-lhes que falem da nossa Casa; e os sacerdotes falam da nossa Casa e o povo, à saída, compra.

O Abel também me informa que em Famalicão os senhores padres falam à missa e a gente vende tudo. D'esta vez não foi comer à Família que lhes deu carne esmigalhada.

### ADQUIRA O

## ISTO É A CASA DO GAIATO

### SOLICITE - O NUM SIMPLER POSTAL

### E O LIVRO SERÁ REMETIDO PELO CORREIO.

Pedidos à Editora

Tipografia da  
**CASA DO GAIATO**  
Paço de Sousa

J. M.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

EU já há muito que tinha descoberto, mas cada vés descobro mais: a boa cozinha é mãe da sã disciplina. Lenha seca, fogueira despachada, adubo suficiente, quantidade abundante; e o mais resolvido por si. O novo Lar de S. João da Madeira, é documento. Os rapazes são homens bequenos, na sua partida e chegada dos trabalhos. Porquê? O jantar na mesa com tudo que lhe é dado. Eis. Não é esta a principal razão; o homem não vive para comer, sim. Mas sem alimentação suficiente é impossível estar ele quieto ou escutar a doutrina dos que têm mesa e talher. Estas coisas pequeninas são muito importantes.

Mais. No Lar do Porto, havia agora e logo sua palavrita por causa da comida. Cete foi-se embora! Eu fiquei triste. Mas já solucionei. Deu-se a cozinha ao Serviço da Legião. O lume arde, como antes, na nossa Casa. A comida é um amor. Os 30 rapazes, todos e cada um, ardem de entusiasmo. Ninguém ralha.

Ontem fui chamado ao telefone. Era o chefe do Lar. Andava eu no fundo da quinta quando me deram o recado: Carlos está ó telefone. Subi. Que teria sido?! O rapaz fala. Quería em todo o modo que eu fosse ao Porto. Venha sem falta. Perguntei. Venha sem falta. Mas que é? tornei eu. É pescada. Temos hoje pescada com batatas. Venha sem falta.

E eu fui! Como não tenho preparação pedagógica nem o Estado me cferce uma bolsazinha para ir aprender lá fóra, vou fazendo cá por casa o que sei e comendo, simultaneamente, peixe cozido com batatas.

FAÍSCA, não me largava, para ir comigo ao Porto estrear o Morris; nós temos agora Another Morris. É um Oxford. O rapaz não me largava: leve-me. Chegou o dia. Dei-lhe 5\$00 para a algibeira. Largamos. No Bolhão o rapaz manda parar: alto que quero comprar um brinquedo. Estava ali uma quinquelharia. Ele continua; um brinquedo pró Jaiminho. Este Jaiminho é um ilegítimo que nasceu em Vidago... É um dos mais pequeninos. O carro parou. Quando Faísca se preparava para sair, o motorista diz que não. Que ali não pode parar. Que a polícia vem. Eu cá disse que sim. Que o carro podia parar e estar o tempo preciso, enquanto uma Creança, com um brinquedo, legítima um Inocente. O carro parou. Faísca saiu e discutiu e comprou; primeiramente, tentou-se com um polícia sinalero, mas depois achou mais graça a um homem a fazer measuras, e comprou. Eu cá gostava de ter sido autuado e mandado à presença dos senhores; gostava sim senhor. Ninguém me condenaria. O ilegítimo era a minha testemunha de defesa. E teria ocasião de dizer em tribunal, que nas proximidades de Vidago e das Pedras et. coetera, o rol de batizados está cheio de Jaiminhos... São os doentes.

AQUELE que não se lembrava de ter comido comida de lume, como aqui é dito na derradeira nota da

quinzena, anda com os outros, cheio de alegria. Onde quer que me vê destaca-se, vem aonde a mim, ri-se, torna-se a rir, e vai-se embora sem nada dizer. Chama-se Zé Maria. É o Zé Maria. O informador que o trouxe, tinha-me dito que o rapaz era um animalzinho, e como tal o tomei. Porém, logo ao segundo dia e na maré em que me vem saudar, oiço-lhe louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Andas na escola? Andas na doutrina? perguntei. Não. Nunca entrou numa igreja. Então quê? Nada. Tudo muito simples. Comida quente. Cama feita. Roupa lavada. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

VALE a pena meditar nestes pequeninos nadas de que a nossa Obra é feita, e ir à verdadeira fonte buscar os verdadeiros remédios que cicatrizam. A nossa Obra é hoje a revolução nacional. Discute-se. Uns dão por paus, outros por pedras; e ele é tudo tão simples! Tão simples! Amar. Eis.

FUI ontem ao Porto comprar um cadeado forte para a caixa de esmolas da capela, de mando do Faísca. O rapaz não me largava:—Olhe o Painso! Comprei-o no Ezequiel, aos Loios. Era de 42\$50 e deram-mo por 35\$00. Já os senhores vêm que se trata de uma peça segura... Lá está aplicado à caixa. Estou para ver.

NÃO sei se os leitores se lembram de ter lido a sorte do nosso magnífico aviário, que deu mais tarde em capoeira e hoje é coelheira. Devem-se lembrar. Pois bem; é a coelheira do Preta e do Tiroliro. Anda em obras. Os rapazes querem alojamentos adequados. Ora como eu tivesse visto luz naquele sítio e ali não há lampadas, tratei de me informar e soube tudo. São eles. São os donos da antiga capoeira. Como tem cada um a sua obrigação, só depois d'elas é que se podem ocupar nas obras. Os dias são agora pequenos. Quando despegam é noite. E agora? Agora nada. Arranjam tocos de vela e pregos e tabuas e barrote e o mais que precisam e pronto. Quem pode sustar o impeto dos anos verdes? E para quê fazê-lo, quando é de aproveitar? Pior era antes, nas ruas...

ONTEM, domingo, Faísca, que não é chefe nem tem missão especial, resolveu de motu próprio um grande problema. Prendeu numa das salas do edificio das escolas alguns dos mais importantes ladrões que cá temos: é pra não chatear os senhores, disse.

Feita a comunicação, Faísca pergunta se pode ir passar aquela tarde a casa de uma família da vizinhança e eu disse que sim. Era domingo. Não há trabalho. De tarde começa a vir gente, na forma do costume. Os cicerones estão todos no seu lugar e acompanham as famílias. Eles tinham sido nomeados ontem à noite, pelo chefe. Até aqui muito bem. Mas notei que amigo Painso andava no lote. Ora ele devia estar preso, ao pé dos tais. Quis saber. Foi assim: Faísca quis prender quatro. Três deram-se à prisão, mas Painso reagiu. Se te metes comigo comes! Ele conhece policias e calaboiços. Tem lidado com



Aspecto da casa da eira, aonde se malham espigas e debulham feijões e fazem magustos.

força armada. Faísca teve medo e deixou-o à solta.

O Manel Risonho veio hoje mostrar um livro de algibeira, em que ele faz muito gosto e aonde se vê escrito —das prendas que me vão dar no natal. O livro é executado por um seu compadre da tipografia; temos cá esse prejuizo. Pois o Risonho dançava de contente, enquanto informa que a sua mãe lhe vai dar duas camisas e que a senhora da Camara anda a pensar no que lhe há de dar e que a senhora do gas e electricidade também. Mostrava o espaço em branco—olhe; é aqui que eu hei-de escrever as coisas. Vamos a ver se o Risonho terá ocasião de escrever alguma coisa. Mais vale um pássaro na mão...

Vou falar do Zé Maria, aquele que se não lembrava de ter comido comida de lume antes de vir para nossa casa. Ele tem 14 anos feitos. Nos primeiros dias tudo ia bem; mesa posta, comida quente, cama lavada—tudo ia bem. Mas levantou-se um inimigo dentro da obra; o trabalho! É preciso trabalhar e aqui começa justamente as dificuldades do rapaz; os seus trabalhos! Ele não sabe, não está afeito, não quer. Começou de pequenino a andar atrás da mãe. A sua vida era pedir. Nunca se vergou por nada, a nada. Durante os primeiros dias, depois de limpo e vestido, foi hospede, como sucede a todos quantos se apresentam; não tinha obrigação. Andava à solta. Chegou ao dia das dores; foi dado por servente de pedreiro. O rapaz não queria trabalhar. Encostava-se, mãos na algibeira. Fugiu. Não o fez pela porta, aonde Risonho é porteiro; saltou o muro. Dentro de horas regressou, tornando a saltar o muro. Mas o inimigo estava e continuava! Os pedreiros pedem cal. Ele vai por ela uma vez, outra vez—à terceira não. Torna a fugir. Leva uns sapatos nos pés, outros num embrulho, roupa de domingo. O Zé Maria fugiu. É o poder da inercia. O trabalho é um esforço; é com suor que se come o pão. De novo regressa.

Eram horas de interferir. Aproximei-me. O «doente» tinha na mão a gamela da cal. Passavam dezenas dos mais pequeninos com padiolas. Ao longe, na avenida, outros transportavam lenha. Chamei a atenção do «vencido». Apelei para a sua consciencia. Ele que visse. Parece te bem?

E os pequeninos venceram! A lição dos mais pequenos, surtiu! Aca-bo agora mesmo de passar ao pé e vejo o Zé Maria no seu lugar. Vale

a pena sofrer tudo quanto é dado a estas situações, só pelo prazer inenarrável de ser testemunha e dar conhecimento destas noticias; vale a pena.

Desapareceram algumas peças de roupa de um pacote d'elas, chegado há pouco e que se encontrava aberto, numa dependencia da casa-mãe. Daí a nada, sabia-se quem tinha sido; o larapio viera entregar: não diga nada. Todos querem e gostam de boa fama, mesmo que a tenham perdido! Não diga nada. Mande sentar o rapaz ao pé de mim e perguntei se alguma vez lhe tinha dito que não, às coisas que ele me pede. V. dá-me sempre tudo, respondeu. E também te dava as peças de agora, se mas tivesses pedido. O faltoso inclina-se, como quem toma um remédio amargo; levanta de novo os olhos e diz com tristeza eu sou da Ribeira, Pai Américo. Eras da Ribeira, disse eu. Fizemos as contas; há 5 anos que o rapaz é nosso. Eras, mas já não és da Ribeira.

Tinhamos aquela hora por nossa conta. O delinquente chorava. É preciso aproveitar bem e até ao fim as lágrimas; elas são as chaves das fortunas espirituais. Falamos da Ribeira. Falamos da nossa obra. Dissemos e dissemos e dissemos O rapaz tinha a sua obrigação à espera e teve de se ir embora. Foi. Horas depois bate à porta do chamado meu escritório. Coloca sobre a mesa de trabalho uma caixa de fosforos e um pequenino embrulho. Tenho roubado ós poucos, informa. Era dinheiro em prata e notas. Eu tomei a caixa e o pacote, sem nada dizer. Eu era da Ribeira, geme, debulhado! Nada acrescentei ao que antes dissera. O que então se passava era, até, o fruto natural daquela conversa. Quero-me confessar a si, prossegue o faltoso. A mim, não, respondi; e lembrei que todos os meses temos cá sacerdotes. Não posso esperar, disse. Vai aonde quizeres, tornei. Nessa tardinha, um rapaz saía porta fora, silencioso...

No dia á seguinte, à missa, havia uma figura ajoelhada no meio da capela, rosto escondido nas mãos... Era a festa da oitava da Imaculada Conceição. No momento liturgico, aproxima-se e comunga. Do resto, ninguém sabe; as coisas eternas, estão fora do nosso alcance.

Eis o facto histórico. Eu continuo a ser o grande descuidado no meio deles, deixando gavetas e portas abertas. Eu acredito na redenção pelas lágrimas, na remissão pelo sangue. Eles levam e vêm entregar. Oh passadas redentoras!

Peço desculpa ós senhores educadores d'este meu sistema de educar; ós mestres dos grandes centros educacionais.